



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Alcantara Costa, Ana Alice; Costa Pinheiro, Clarice
Desafios da linguagem no diálogo dos estudos feministas com os movimentos sociais
Revista Estudos Feministas, vol. 21, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp. 617-624
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38129105013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ana Alice Alcantara Costa

Universidade Federal da Bahia

Clarice Costa Pinheiro

Universidade Federal da Bahia

Desafios da linguagem no diálogo dos estudos feministas com os movimentos sociais

Resumo: O texto analisa a importância da linguagem na tradução do conhecimento produzido na área dos estudos feministas e relações de gênero tendo em vista a assimilação desses conteúdos por parte de públicos distintos nos processos de formação, em especial, aqueles setores que não dominam a linguagem acadêmica. Nessa perspectiva, busca-se analisar duas vertentes da linha editorial do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBa: de um lado, a Coleção Bahianas, editada nos cânones da “liturgia acadêmica” e, do outro, o chamado “material educativo”, sustentáculo da atividade de extensão em que o eixo norteador é o “se fazer entender”.

Palavras-chave: produção de conhecimento; estudos feministas; tradução; linguagem.

Copyright © 2013 by Revista Estudos Feministas.

Criado em 1983, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, órgão da Universidade Federal da Bahia, vem se constituindo desde seu primeiro momento em uma ação pró-institucionalização dos estudos feministas nas universidades brasileiras. Perfeitamente integrado à dinâmica das lutas travadas no seio da academia, pelo reconhecimento da importância e legitimidade dessa problemática como objeto de reflexão e análise, o NEIM participou ativamente da conquista de espaços próprios de discussão e ação, como os grupos de trabalho nas associações científicas, as áreas de concentração nos cursos de pós-graduação, a abertura de linhas editoriais, dentre outras frentes de batalhas.¹

Nessa perspectiva, não só nos consolidamos como um centro de pesquisa feminista, mas também buscamos formalizar os estudos feministas como um campo do saber em expansão. Inicialmente aproveitávamos as brechas

¹ Ana Alice COSTA e Cecília SARDENBERG, 2005, p. 110.

possíveis nos conteúdos curriculares dos cursos regulares da Universidade para ministrar conteúdos do campo de estudos sobre a mulher, posteriormente rompemos algumas barreiras e já conseguimos oferecer disciplinas específicas (inevitavelmente optativas), tanto nos cursos de graduação como na pós-graduação, em especial nos cursos e programas das áreas de Ciências Sociais, História, Letras, Enfermagem, Educação e Comunicação. Aliás, é bom registrar que a pós-graduação sempre foi um espaço menos resistente a este campo que se constituía, certamente favorecido pela crescente demanda de orientações de teses e dissertações por parte de alunas interessadas na emergente temática. Com a entrada em cena do conceito de gênero no Brasil, lá pelos idos dos anos 90, novas perspectivas teórico-metodológicas se abriram, mas não foram ainda suficientes para romper as amarras do isolamento acadêmico.² Esse rompimento vem acontecendo a passos lentos, favorecido pelo avanço do feminismo enquanto movimento social e sua ampliação para o âmbito do Estado, com as conquistas no campo dos direitos civis, na implantação de políticas públicas na perspectiva de gênero e nas novas institucionalidades, a exemplo das Secretarias de Estado e das Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres.

Nesse caminho da institucionalização dos estudos feminista na academia, avançamos também no NEIM. Em 2005 demos um passo importante ao criarmos o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – PPGNEIM, que é o primeiro programa de Mestrado e Doutorado no país com essa temática.

Em 2008, soubemos aproveitar o contexto de implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI e criamos o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, também uma graduação pioneira no país, cuja primeira turma entrou através do vestibular em 2009.

No entanto, esse empenho com a institucionalização dos estudos feministas na academia nunca nos afastou da perspectiva de pensar o feminismo enquanto ação e teoria. Articular teoria e prática feminista tem sido um dos princípios norteadores da equipe do NEIM nestes 30 anos de existência, daí nossa vinculação com o movimento feminista na sua prática militante, participando ativamente na construção da história das mulheres no Brasil e no avanço das suas conquistas.

Entendemos a construção de conhecimento como um processo dinâmico que envolve não somente a produção de teoria, mas também sua articulação com a ação, teoria como uma espécie de subsídio para a práxis, como instrumento de luta, de transformação. Ao mesmo tempo, a práxis

² COSTA e SARDENBERG, 1994, p. 395-396.

produz o material necessário para que a teoria não se distancie da realidade. A academia, ao tempo que “colhe” e analisa as demandas e experiências do movimento social, constrói conhecimento que retorna ao movimento subsidiando suas ações, numa espécie de retroalimentação.

Essa perspectiva está muito presente nas pesquisas e análises de questões relacionadas, principalmente, ao cotidiano feminino, à violência doméstica, à saúde da mulher e seus direitos reprodutivos e sexuais, às formas e níveis em que se realizou sua inserção no mercado de trabalho, a participação política, etc.³ Portanto, esse conhecimento que vem de uma demanda social não pode ficar estancado; ele deve retornar ao movimento e subsidiar suas ações.

Está aí o grande desafio. Como retornar ao movimento social o conhecimento produzido na academia? Como nós feministas, engajadas na luta pela transformação na condição feminina, podemos contribuir, por meio do conhecimento, da teoria que debatemos e produzimos no âmbito da academia, para a transformação da vida das mulheres?

Esse “retorno”, o NEIM tem viabilizado através de dois caminhos básicos: o ensino e a publicação. Esses dois caminhos se entrecruzam numa espécie de simbiose e, muitas vezes, integram-se de tal forma que se torna difícil separar o que é gerado do gerador. Se no campo do ensino nos dividimos entre o interno (cursos regulares da Universidade) e o externo (os chamados cursos de extensão para a comunidade), na publicação a mesma “separação” acontece, na medida em que estes dois públicos se pautam por processos linguísticos diferenciados (estrutura, normas, linguagem, etc.).

De um lado, está a Coleção Bahianas, editada nos cânones da “liturgia acadêmica”; do outro, o chamado “material educativo”, sustentáculo da nossa atividade de extensão em que o eixo norteador é o “se fazer entender”, ocorrendo nesse processo um exercício de traduzir a teoria para um público que não domina a linguagem acadêmica.

Analisar o contexto dessa produção, direcionada para a construção de um diálogo permanente com públicos diferenciados, requer o controle da linguagem e dos significados conceituais que possam dar conta das especificidades de cada contexto. Analisar as implicações desse desafio é o objetivo deste nosso trabalho.

A Coleção Bahianas

Desde a criação do NEIM, há 30 anos, o compromisso com a produção e divulgação de conhecimentos no campo do feminismo faz parte dos objetivos que nos une enquanto

³ COSTA e SARDENBERG, 1994, p. 388.

grupo. Um compromisso pautado na compreensão de que esse campo de estudos é multidimensional, que envolve diferentes enfoques e perspectivas, diferentes dimensões da vida cotidiana e da construção de sujeitos sociais. Sujeitos esses cujo conhecimento se pretende aprofundar, de modo sistemático, a partir de um trabalho coletivo interdisciplinar, que englobe os complexos aspectos dos processos de desenvolvimento social, das relações entre gênero, gerações e etnias distintas.⁴

⁴ COSTA e SARDENBERG, 2005, p. 117.

Para que a interdisciplinaridade ocorra, acreditamos ser necessária uma maior articulação entre os diversos recortes analíticos e metodologias distintas, de modo que as diferentes perspectivas disciplinares possam se entrecruzar, fomentando novas contribuições, que se dão dentro de um código linguístico comum, onde os enfoques particulares também são preservados. Essa concepção de interdisciplinaridade e a busca da formulação de uma linguagem comum estão explícitas na proposta de criação do PPGNEIM:

Sabe-se que através de metáforas e analogias, opera-se frequentemente uma intensa permuta e empréstimo de conceitos, teorias, métodos, técnicas de pesquisa, etc., entre as diferentes disciplinas e campos do saber científico. Formular uma linguagem comum para o diálogo implica a transparência de pressupostos teórico-metodológicos, a clarificação dos conceitos e a definição dos termos utilizados, para que seja possível identificar, dentre os termos próprios ao jargão e discurso das diferentes disciplinas ou áreas do saber em questão, aqueles que possam de fato referir-se aos mesmos fenômenos. Somente assim será possível evitar a justaposição ou confluência de conceitos distintos sob um mesmo termo, criando-se as condições necessárias para uma permuta verdadeiramente produtiva, que possa engendrar não apenas avanços teóricos, metodológicos, mas também subsídios para a formulação de políticas sociais em torno dos problemas em questão.⁵

⁵ SARDENBERG e COSTA, 002, p. 115.

A busca desse diálogo comum tem sido o eixo norteador da Coleção Bahianas. Publicada pela primeira vez em 1997, essa coleção tem por objetivo divulgar e publicar estudos teóricos que possibilitem uma análise crítica da condição feminina, das relações de gênero e do feminismo enquanto movimento social, assim como documentos que contribuam para o resgate da memória feminina e estudos que abordem a inserção da mulher nas diversas manifestações culturais. Consideramos que “a Coleção Bahianas é um espaço destituído dos símbolos da dominação”,⁶ por ter em seu eixo editorial temáticas que não fazem parte do cânone acadêmico.

⁶ Texto de divulgação da Coleção Bahianas.

Durante os primeiros volumes da coleção, nos primeiros anos, nosso objetivo era “privilegiar” as baianas enquanto objeto e sujeito de estudos e como produtoras de conhecimento. Posteriormente, ampliamos o enfoque incorporando a produção de pesquisadoras “externas”, desde que seus textos fossem fruto da participação em atividades vinculadas ao NEIM. A partir da criação do PPGNEIM, a Coleção Bahianas passa a ser também um espaço de divulgação da produção das/os mestrandas/os e doutorandas/os, ampliando-se ainda mais para as novas temáticas e regionalidades.

Até o momento já foram publicados 15 exemplares, em sua maioria coletâneas de textos. Diferentemente dos anteriores, os quatro últimos números foram publicados através de uma parceria realizada com a Editora da UFBA – EDUFBA, responsável agora pela edição e publicação. Ao NEIM cabe a coordenação da Coleção e do Conselho Editorial.

Apesar das mudanças sofridas, a Coleção Bahianas permanece como um espaço “essencialmente” de divulgação da produção teórica do NEIM, em suas diversas matizes disciplinares, e voltada para um público acadêmico.

A produção de “material educativo” e os desafios da tradução

Criado em um período de plena efervescência das lutas feministas e em prol da redemocratização do país, o NEIM já nasce intensamente engajado nessas lutas, participando das ações do movimento autônomo e, posteriormente, nas instâncias e órgãos formuladores de políticas para as mulheres.⁷ Em fins de 1987, a equipe do NEIM, atendendo a solicitação da Associação de Moradores de Plataforma – AMPLA, começou a trabalhar junto aos grupos de mulheres do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com vistas à criação do Centro da Mulher Suburbana – CEMS. Em pouco tempo já estávamos trabalhando com oito grupos da região, trabalho esse realizado através do curso “Saúde, Sexualidade e Cidadania” e dos “Ciclos de Debate sobre a Questão da Mulher”. Aqui começava o desafio de traduzir, para quem não transita nos espaços do discurso acadêmico, todo o conhecimento necessário para entender “a questão da mulher” e a perspectiva feminista de transformação.

Tradução aqui pensada para além da linguística e como um espaço privilegiado de negociação da diferença. Uma tradução engajada politicamente e que quer levar para determinado público não uma teoria global que dê conta de tudo e todas, mas algo que fale diretamente daquele cotidiano, que trate diretamente daquela realidade específica e que por isso possa ser entendida, possa ser apreendida e difundida.

⁷ Dentre as ações realizadas pela equipe do NEIM, merecem registros a participação na Comissão Especial da Mulher, que funcionou na Câmara de Vereadores de Salvador e resultou na criação do Conselho Municipal da Mulher; as mobilizações que resultaram na criação da Delegacia de Proteção à Mulher; a Comissão de Combate à Violência, entidade originária do Fórum de Mulheres de Salvador; a articulação nacional comandada pelo CNDM durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988); a formulação de propostas constitucionais que, encampadas integralmente pelo Fórum de Mulheres de Salvador, foram apresentadas à Constituinte Estadual da Bahia pela deputada Amábilia Almeida, constando, assim, do Capítulo da Mulher da Constituição do Estado da Bahia (COSTA, 1998). Da mesma forma, a equipe do NEIM participou ativamente na organização das demandas dos movimentos de mulheres por ocasião dos trabalhos voltados para a elaboração da Lei Orgânica do Município de Salvador, dentre outras (SARDENBERG, 1998, p. 13-16).

⁸ Claudia de Lima COSTA, 2004, p. 188.

⁹ COSTA e ALVAREZ, 2009, p. 740.

Enquanto cruzam territórios, as teorias são continuamente apropriadas e transformadas pelas leituras locais, adquirindo uma estrutura mais heterogênea. O itinerário segue, portanto, uma lógica rizomática – sem um lugar de origem evidente nem um ponto inequívoco de chegada.⁸

É com esse tipo de demanda que aprendemos, na prática, o quão insuficiente pode ser ter apenas o controle dos conteúdos e manejar bem a teoria. É fundamental saber comunicar, transmitir, traduzir. Nas palavras de Claudia de Lima Costa e Sonia E. Alvarez,⁹ “Na tradução há a obrigação moral de nos desenraizarmos, de vivermos, mesmo que temporariamente, sem teto para que a(o) outra(o) possa habitar, também provisoriamente, nossos lugares.” De estar nem no próprio lugar e nem no lugar da(o) outra(o), de estar no entrelugar, na fronteira. Uma fronteira que no nosso caso não é apenas geopolítica, mas é também física e envolve classe, geração e cultura.

A partir da experiência de trabalhar com o público externo à universidade descobrimos que identificar e conhecer a linguagem do espaço, da comunidade, ou como costumam dizer os técnicos, da “clientela”, é o primeiro passo para a realização de uma atividade externa aos muros acadêmicos, espaço esse chamado por nós de militância e pela estrutura universitária de “extensão”. Foi com a prática da militância que aprendemos que elaborar um material educativo sobre cidadania feminina para mulheres da zona rural ou mulheres urbanas não pode ser único. Não podemos trabalhar com o mesmo material pedagógico quando as mulheres não são simplesmente da zona rural; elas podem ser donas de casa semialfabetizadas, trabalhadoras diaristas, agricultoras familiares, do litoral ou do semiárido. Podem também ser trabalhadoras da indústria e do comércio, professoras, lideranças, etc. Realidades, trajetórias, cotidianos e linguagens distintas.

Esse nosso aprendizado político da tradução pode ser exemplificado com diferentes publicações educativas elaboradas para um mesmo projeto, o Pró-Gavião, em 1999. Tais publicações, expressando linguagens (escrita e visual) distintas direcionadas a públicos distintos, foram usadas como materiais didáticos e pedagógicos básicos para o processo de conscientização e organização de mulheres rurais.¹⁰ Para a elaboração de cada um desses materiais foram necessários um tempo de convivência e, principalmente, de aprendizado com as mulheres da região, um tempo para nos desenraizarmos de nossas referências acadêmicas e adquirir familiaridade com a cultura local, com os outros significados das palavras usadas, das denominações utilizadas para determinados contextos e, também, para uma leitura das relações de gênero prevaletentes.

¹⁰ Essas publicações estão disponíveis no endereço <http://www.neim.ufba.br/site/publicacoes.php>.

Esse tempo que tivemos de contato e aprendizado com essas mulheres foi necessário para estarmos na fronteira entre as nossas referências, enquanto mulheres urbanas e acadêmicas, e as referências delas, enquanto mulheres da zona rural. Tempo necessário para nos despirmos da nossa posição de sujeitas de um discurso, detentoras do conhecimento, situadas em uma geografia de poder para aquelas mulheres com as quais estávamos buscando o diálogo. Situação de poder, de certo modo, desconfortável para nós feministas latino-americanas que estamos habituadas a uma posição de não-poder dentro das grandes discussões teóricas do próprio feminismo.

Durante o Pró-Gavião, o nosso desafio, de pensar em diferentes modos de tradução que subsidiassem os processos de formação, não se restringiu apenas ao material produzido especificamente para as mulheres. A equipe técnica, responsável pela execução do projeto, constituído em sua grande maioria por técnicos agrícolas e agrônomos, também necessitava saber do que estávamos tratando ao realizar atividades na “perspectiva de gênero”. Para esse outro público do projeto a linguagem já poderia ser mais “elaborada”, com conteúdos mais complexos. Contudo, ainda foi necessária uma tradução, ainda foi necessário transpor as fronteiras da “liturgia acadêmica” e utilizar conceitos definidos de forma mais explícita, com exemplos elucidativos e demonstrativos desses conceitos, sem os costumeiros “rodeios da linguagem”. Com essas especificidades elaboramos os “cadernos de apoio I e II”.¹¹

Esse mesmo cuidado em traduzir os conhecimentos necessários do campo dos estudos feministas, sempre tão caro ao processo de aprendizagem e sensibilização, está presente no conjunto de publicações elaboradas ao longo da nossa trajetória. A mesma atenção dedicada na elaboração das publicações acima mencionadas pode ser identificada nos manuais de formação para trabalhadoras do comércio, para as sapateiras do polo calçadista do interior da Bahia, nos folhetos de denúncia do turismo sexual, no material elaborado para o combate à violência na escola, etc. O respeito aos movimentos sociais, às mulheres e aos homens envolvidos nos nossos programas de formação, passa pelo reconhecimento da especificidade da sua cultura, da sua linguagem, das suas possibilidades de entender e acompanhar nosso discurso. Traduzir o nosso próprio discurso é para nós a possibilidade de fazer uma política feminista para além dos nossos muros, indo além da nossa própria fronteira linguística. Esse é o nosso compromisso.

Referências

COSTA, Ana Alice Alcântara. *As donas no poder. Mulher e política na Bahia*. Salvador: Assembléia Legislativa da Bahia/NEIM-UFBA, 1998. (Coleção Bahianas, v. 2).

¹¹ Ver: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/textosapoio1.PDF>

- COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília. "Teoria e práxis feministas na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras". *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, número especial, p. 387-400, 1994.
- COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília. "Teoría y praxis feminista en la academia: los núcleos de estudios sobre la mujer en las universidades brasileñas". In: BARTRA, Eli; CAREAGA, Gloria; GOLDSMITH, Mary (Comp.). *Estudios feministas en América Latina y el Caribe*. México: PUEG-UNAM y Maestría en Estudios de la Mujer/UAM. 2005. p. 108-126. CD.
- COSTA, Claudia de Lima. "Feminismo, tradução, nacionalismo". In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 187-196.
- COSTA, Claudia de Lima; ALVAREZ, Sonia E. "Translocalidades: por uma política feminista da tradução". *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 3, p. 739-742, 2009.
- SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice. "Introdução". In: SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002.
- SARDENBERG, Cecília (Org.). *15 anos de NEIM 1983-1998*. Salvador: NEIM, 1998.

[Recebido e aprovado em abril de 2013]

Challenges of Language in the Dialogue between Feminist Studies and Social Movements

Abstract: This paper analyses the importance of language in the translation of knowledge produced in the field of feminist studies and gender relations, considering the assimilation of the contents of this production by distinct audiences in the process of gender training, particularly by those who are not familiar with academic parlance. In this perspective, we seek to analyze two distinct strands in the editorial line sustained by the Nucleus of Interdisciplinary Women's Studies – NEIM/UFBA: on the one hand, *Coleção Bahianas*, edited according to the canons of "academic liturgy", and, on the other, the so-called "educative materials", which sustain extension activities that have "making oneself understood" as their guiding principle.

Key Words: Knowledge Production; Feminist Studies; Translation; Language.